



**CONGRESO
IBEROAMERICANO**
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

**CONGRESSO
IBERO-AMERICANO**
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

BUENOS AIRES, ARGENTINA
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

O FACEBOOK E O MODELO EDUCATIVO DE PAULO FREIRE: CONTRIBUIÇÕES NO ENSINO DE CIÊNCIAS

TELES, A; BAPTISTA, C; NUNES, W

O FACEBOOK E O MODELO EDUCATIVO DE PAULO FREIRE: CONTRIBUIÇÕES NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Aline dos Santos Teles, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), discente do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, teles-aline@hotmail.com

Camille Paola Monteiro Baptista, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), discente do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, camillepaola@gmail.com

Wallace Vallory Nunes, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), docente do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, w.vallory@gmail.com

RESUMO

O presente estudo constituiu-se em uma análise acerca do uso do *Facebook*, no contexto educacional, a partir de uma atividade realizada com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Ciências. A atividade foi elaborada de acordo com a proposta de Paulo Freire (1996), que defende uma pedagogia que preze pela autonomia do educando. Para a realização dessa atividade, os alunos foram convidados a participar de um grupo na rede social citada, onde foram compartilhados dois vídeos do *YouTube* que tratavam de um dos conteúdos bimestrais de Ciências: os vírus. Como este é um assunto de relevância social, aproveitou-se a divulgação da Campanha Nacional de Vacinação contra o HPV para ampliar os conhecimentos dos alunos sobre esse agente infeccioso e também sobre o HIV, causador da AIDS, uma das doenças mais discutidas pela sociedade. Para participarem da atividade interativa, os alunos deveriam assistir aos vídeos e, em seguida, responder a seis questões, que foram elaboradas para gerar uma avaliação para a professora quanto à participação deles e ao entendimento dos assuntos abordados. Em um segundo momento, foi aplicado um questionário aos alunos, em sala de aula, para avaliar os motivos da participação ou não deles, a opinião sobre esse tipo de proposta e se participariam de outra atividade desse tipo. Com os resultados, pode-se observar que apenas 36,6% da turma participaram da atividade e que muitos alunos valorizaram a nota extra que poderia ser obtida na disciplina, em detrimento do conhecimento. Além disso, verificou-se que, para muitos alunos, a falta de acesso à Internet é um dos entraves para a realização de atividades como essa. Neste trabalho, com base nas respostas dos discentes, foram apresentadas algumas considerações e contribuições de Paulo Freire, evidenciando a possibilidade de atividades interativas, no *Facebook*, no contexto ensino-aprendizagem, sob uma perspectiva freireana.

Palavras – chave: Facebook; Paulo Freire; ensino de Ciências.

INTRODUÇÃO

A sociedade do século XXI, conhecida como a sociedade da informação, vem passando por um processo de mudança em relação aos recursos tecnológicos, e essa mudança consiste no uso intenso das ferramentas conhecidas como Web 2.0. Essa nomenclatura foi proposta por Tim O' Reilly (2005) com o intuito de promover uma reflexão sobre o surgimento de ferramentas na Internet que proporcionam a colaboração, a troca e o compartilhamento de informações, como as redes sociais, os *blogs*, as *wikis* e os diversos tipos de fóruns. Diante desse processo, tornou-se necessário para os educadores acompanhar tais evoluções, seja apropriando-se e/ou adequando-se à Web 2.0, de forma a permitir que o contexto escolar e a prática educacional estejam imersas nessa nova forma de compartilhar o conhecimento.

O uso da Internet associado à Web 2.0, nas redes sociais, como por exemplo, o *Facebook*, o *Twitter*, o *YouTube* e o *Google Docs*, proporciona a interação, a colaboração e o compartilhamento de ideias, opiniões e conhecimento. De acordo com leituras e pesquisas sobre esse assunto, percebe-se que essa temática vem sendo investigada com foco educativo, apresentando e discutindo as possibilidades de uso das redes sociais no processo ensino aprendizagem (MINHOTO e MEIRINHOS, 2011; CARITÁ, PADOVAN e SANCHES, 2011; PATRÍCIO e GONÇALVES, 2010; ALLEGRETTI, HESSEL, HARDAGH E SILVA, 2012).

Entre as redes sociais mais utilizadas, segundo o site *Socialbaker*¹, em relação ao primeiro bimestre do ano de 2014, estão o *Facebook* e o *YouTube*. Com base nessa informação, revela-se inevitável ao professor do século XXI a familiarização com essas mídias, de modo a usá-las como um recurso pedagógico que possa ser visto como um instrumento facilitador e motivador para suas aulas. Conforme Minhoto e Meirinhos (2011), o *Facebook*, no contexto educacional, favorece o desenvolvimento de diversas estratégias pedagógicas, que, às vezes, são desconhecidas pelos professores e até por parte dos alunos.

Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo analisar o uso do *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem, discutindo o desenvolvimento e os resultados de uma prática educativa pautada numa perspectiva freireana, considerando o desenvolvimento da autonomia do aluno no seu processo educacional. Justifica-se este estudo pela necessidade de investigar a utilização dessa rede social no contexto educacional, apresentando resultados que possam servir de base para outros estudos e discussões entre educadores, pesquisadores e outros interessados no assunto. Considerando que as diversas mídias sociais podem permitir a construção do conhecimento, já que possibilitam a autonomia do pensamento e o debate de ideias, há necessidade de se explorar essas ferramentas no âmbito educacional, tendo em vista que o uso e o conhecimento dessas ferramentas fazem parte do cotidiano dos alunos de um modo geral; mesmo que muitos ainda não conheçam as várias possibilidades de utilização produtiva dessas ferramentas para o processo de apropriação de informações construtivas.

O estudo torna-se importante ao considerarmos também que a educação não é somente pautada nos conteúdos ministrados, mas principalmente na forma como esses conteúdos podem ser relacionados com o cotidiano dos alunos e em como estes utilizam as informações que lhes são apresentadas na sala de aula. Dessa forma, as redes sociais podem funcionar como um instrumento facilitador para as atividades educativas, de modo a contextualizar os conteúdos ministrados em aula, oferecendo ao aluno uma visão diferenciada, informativa e educativa, ao mesmo tempo que permite desconstruir a ideia comum, entre os jovens, de que essas ferramentas servem apenas para bate-papo, postagem de fotos e visualização de clipes musicais.

A atividade interativa online, aqui relatada, foi desenvolvida na disciplina de Ciências, com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, em um colégio municipal, na cidade de Barra Mansa/RJ. Foram utilizados, na atividade, dois vídeos que tratavam das formas de prevenção e de tratamento de dois vírus: o HPV e o HIV. Esses agentes foram os escolhidos para ampliar o conteúdo, uma vez que são muito discutidos pela sociedade, principalmente o primeiro, que, no período de realização dessa atividade, estava em evidência devido à Campanha Nacional de Vacinação em meninas de 11 a 13 anos de idade.

DISCUSSÃO TEÓRICA

O estudo realizado parte das ideias de Vygotsky (2007), sobre o *“desenvolvimento do pensamento que não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”* (VYGOTSKY, 2007, p.24). Esse processo que parte do social para o individual é compreendido como o processo de mediação, que ocorre entre professores e alunos, através de um processo dialético enfatizado por meio da

¹ Site que analisa e apresenta dados estatísticos sobre as redes sociais mais acessadas em diversos países. (<http://www.socialbakers.com/>).

linguagem, seja essa uma linguagem verbal ou não, mas que possa existir a comunicação. Isto é perceptível no ambiente das redes sociais, um campo com várias possibilidades de mediação por meio de imagens, textos, vídeos, comentários, pautados na linguagem, favorecendo o aprendizado. As redes sociais podem auxiliar os professores a desempenhar essa função de mediação. O principal teórico que fundamenta essa pesquisa é Freire (1996), que diz: “*ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*” (FREIRE, 1996, p.47). Assim, percebe-se que o ambiente das redes sociais, em especial o *Facebook*, objeto desta pesquisa, favorece o desenvolvimento da curiosidade, da reflexão, da criticidade dos alunos, não apenas apresentando o conteúdo trabalhado em aula, mas mostrando ao aluno que tal conteúdo pode ser reconstruído, ressignificado na vivência de cada um, isto pode ser percebido na disciplina de Ciências quando aborda o tema da saúde e que faz parte da vida de todos os indivíduos.

Minhoto e Meirinhos (2011) desenvolveram um estudo sobre o *Facebook*, relacionado ao ensino e aprendizagem, próximo às ideias propostas por Freire (1996) defendendo uma práxis educativa que favoreça a autonomia no ensinar e aprender, no que tange ao aspecto do pensamento crítico, reflexivo, e colaborativo. Segundo os autores:

[...] o *Facebook*, em contexto de aprendizagem, permite o desenvolvimento de estratégias de busca e seleção de informação, facilita a interação e a colaboração, permite a aprendizagem entre pares, desenvolve o pensamento crítico e reflexivo e estimula o contraste de opiniões e a argumentação, desenvolve ou reforça as capacidades de colaboração, favorece a auto-estima e o auto-conceito, entre outras potencialidades. (MINHOTO e MEIRINHOS, 2011, p.6)

Freire (1996) aponta que ensinar exige curiosidade. Esta permite os questionamentos, que permitem o conhecimento crítico. Quanto à curiosidade, o autor relata a sua percepção da tecnologia referente ao desenvolvimento do despertar da curiosidade nos alunos. Acreditava no “*enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas.*” (FREIRE, 1996, p. 87). A partir dessa percepção do uso dos computadores como um recurso para conduzir a curiosidade, privilegiando apenas a classe dita favorecida, Freire, quando secretário de Educação na cidade de São Paulo, implementou computadores na rede das escolas municipais, possibilitando a inclusão digital. (FREIRE, 1996)

No entanto, ressalta-se que esperar investimentos de modo significativo, nas tecnologias, no intuito que essas trarão respostas rápidas ao processo de ensino-aprendizagem, é um pensamento utópico. Neste estudo, adota-se o entendimento de Moran (2000) que ensinar não depende somente das tecnologias, ou que sozinhas as tecnologias trarão resultados. Elas favorecem o desenvolvimento do processo ensinar e aprender, que é o desafio encontrado nas escolas devido à configuração da sociedade, da informação e do conhecimento.

O que se pretende, a seguir, é descrever o estudo realizado, apresentando as discussões dos resultados, com base nas ideias de Freire, que possibilite ao aluno autonomia no seu processo de ensino aprendizagem através de uma prática educativa com o uso do *Facebook*.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido, através de uma pesquisa exploratória, por meio de uma abordagem qualitativa fundamentada com dados numéricos. Foi elaborado e aplicado um questionário baseado em HILL & HILL (2005) e FLICK (2005), com perguntas abertas, a respeito dos vídeos e das discussões em sala de aula sobre vírus. Os dados foram analisados com base no referencial teórico da análise de conteúdo (BARDIN, 1988).

Levando-se em consideração o grande interesse das crianças e adolescentes por mídias sociais, foi proposto, para uma turma de Ciências, uma atividade, de forma interativa, que contemplasse o conteúdo que estava sendo trabalhado no bimestre. A atividade foi dividida em duas etapas. Para a realização da primeira, o aluno deveria ter uma conta ativa no *Facebook*, ser adicionado ao Grupo criado pela professora, assistir a dois vídeos do *YouTube*, que foram compartilhados no grupo, e, após isso, responder a seis questões objetivas, sobre os vídeos, que possuíam cada, três opções de resposta.

As questões propostas para realização da atividade foram: 1) De acordo com o vídeo 1 sobre o HPV, a vacina deve ser aplicada: 2) O objetivo principal da vacina contra o HPV é: 3) O vídeo 2 começa com a seguinte pergunta: “Você sabe o que é HIV?” e a pessoa responde “É AIDS!”. Sobre essa resposta podemos afirmar: 4) De acordo com a ONU, mais de 35 milhões de pessoas vivem com AIDS no mundo. Esse número poderia ser reduzido com medidas como: 5) Durante o vídeo 2, uma das enfermeiras diz que, o paciente ao chegar com o exame positivo, será encaminhado a realizar uma série de exames, entre eles o CD4 e a Carga Viral, que servem para: e 6) Uma das portadoras do HIV, mostrada no vídeo, dá dois conselhos fundamentais, em dois momentos do documentário, que são:.

Para participar dessa atividade, foi selecionada uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, de um colégio municipal localizado em Barra Mansa/RJ. Essa turma foi escolhida por apresentar um número menor de alunos (trinta) em relação às demais e, também, devido a esses alunos serem mais comunicativos e se mostrarem mais interessados no conteúdo que estava sendo trabalhado na disciplina de Ciências.

Como o objetivo do conteúdo sobre vírus, para o sétimo ano, consiste principalmente em discutir as doenças causadas por eles, assim como as formas de transmissão e prevenção, optou-se por selecionar dois vídeos do *YouTube*: o primeiro falava a respeito da vacina contra o HPV (Papiloma Vírus Humano), assunto este que estava em evidência, devido à Campanha Nacional de Vacinação contra o HPV em meninas de 11 a 13 anos de idade, faixa etária comum à maioria das meninas da turma. O segundo vídeo, intitulado “Isso não é o fim”, é um documentário que fala sobre o HIV/AIDS, doença que assusta, mas, ao mesmo tempo, desperta o interesse dos jovens em entender do que se trata.

Previamente foi combinado, entre a turma e a professora, um prazo de dez dias para a participação na atividade *online* no *Facebook*, que não foi avaliativa e nem obrigatória, mas que poderia acrescentar dez pontos extras à nota bimestral. Após o fechamento dessa etapa, todos os alunos receberam, em sala de aula, um pequeno questionário, com seis questões, que consistia na segunda etapa. Nessa etapa, o objetivo era avaliar a participação dos alunos na atividade. Sendo assim, o questionário foi composto por questões que procuravam identificar os seguintes aspectos: quantos alunos haviam participado da atividade, o porquê haviam participado, como os alunos avaliavam esse tipo de atividade, por que avaliavam dessa forma, se participariam ou não de uma nova atividade utilizando as mesmas ferramentas (computador, *Internet*, *Facebook* e *YouTube*) e o porquê.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeira Etapa

Dos trinta alunos presentes na turma, quinze foram adicionados ao grupo criado pela professora no *Facebook*, o que representou 50% de presença no grupo. Desses, alguns foram adicionados pela professora e outros, pelos próprios colegas.

O número acima pode ser considerado razoável, levando-se em consideração que a atividade não pôde ser realizada na sala de informática do colégio, já que esta encontrava-se em reforma, o que impossibilitou os alunos sem acesso à Internet e/ou sem computador de realizarem a atividade. Além disso, é importante ressaltar que alguns alunos relataram não apresentar conta no *Facebook*, o que impediu o acesso ao grupo; e outros revelaram que a única forma de acesso à Internet é pelo celular, que, muitas vezes, não possui uma velocidade favorável à visualização de vídeos.

Dos quinze alunos presentes no grupo, apenas onze participaram da atividade, respondendo as questões objetivas, relacionadas aos vídeos, formuladas pela professora. O número revela, na verdade, uma participação de apenas 36,6% da turma.

Esse resultado ajuda a mostrar que, apesar de os jovens serem interessados por atividades que envolvam *Internet* e mídias sociais, ainda existe desinteresse na associação dessas ferramentas com o conteúdo escolar, uma vez que quatro alunos da turma (13,3%), apesar de estarem no grupo, não se interessaram em assistir aos vídeos e responder às questões.

Das seis questões, três delas (2, 4 e 5) apresentaram a mesma resposta para todos os participantes, revelando 100% de acerto. Esse dado, apesar de positivo, pode indicar que houve cópia na resposta dos participantes.

A questão número 1, que perguntava sobre quem deveria tomar a vacina contra o HPV, foi respondida corretamente por oito participantes (72,7%). Entre os três que optaram por respostas incorretas, uma levou em consideração a faixa etária e o sexo que estava sendo imunizado na Campanha de Vacinação Nacional. Isto indicou falta de atenção ao vídeo explicativo e/ou descrença nele, uma vez que cartazes sobre a imunização em meninas de 11 a 13 anos estavam espalhados pelo colégio e demais comunidade.

As questões de número 3 e 6 foram respondidas corretamente por nove participantes (81,8%). Isto demonstrou que, apesar de o assunto ter sido falado previamente em sala e depois tratado no vídeo, dois alunos (18,2%) ainda optaram por respostas incorretas em questões sobre a AIDS. Na questão 3, dois alunos afirmaram que a AIDS e o HIV representam um mesmo conceito. Na questão 6, outros dois alunos afirmaram que, para se prevenir contra a doença, é importante tomar vacina, fato este discutido em sala como impossível, uma vez que a sociedade ainda não conta com essa possibilidade de prevenção.

Segunda Etapa

Dos trinta alunos da turma, vinte e nove (96,6%) estavam presentes, em sala, no dia em que foi realizada essa etapa, que consistiu em os alunos responderem a um questionário (Anexo 1) sobre a participação ou a ausência na atividade proposta.

As respostas à primeira questão, que perguntava se o aluno havia ou não participado da atividade no *Facebook*, confirmaram os dados encontrados na primeira etapa, ou seja, dos trinta alunos da turma, onze (36,6%) responderam ter participado, dezoito (60%) responderam que não participaram e uma aluna estava ausente, porém não participou (3,3%).

Para entender os motivos de o aluno ter ou não, respondido a atividade, perguntou-se, na segunda questão, o porquê havia ou não participado. Entre os onze participantes, oito (72,7%) citaram que optaram por participar pela necessidade de ganhar 10 pontos extras na disciplina de Ciências, o que revela o despreparo de muitos alunos em entender a importância de uma atividade *online* como meio de facilitar e ampliar a aprendizagem.

Como exemplo, podem ser citadas as seguintes respostas:

“Porque eu achei que precisava de pontos extras.” (Aluno 2)

“Para garantir minha nota.” (Aluno 9)

Esse dado permite compreender que os alunos prezam mais as notas do que o conhecimento que possa ser construído, revelando que ainda apresentam uma postura passiva, que segundo Freire (1996), caracteriza uma educação bancária: alunos passivos que recebem o conteúdo sem questionar o porquê em aprendê-lo.

Dois alunos (18,1%) responderam que, participaram da atividade por curiosidade sobre os vídeos, uma vez que estes foram assistidos em sala de aula, pelas outras duas turmas de 7º ano da mesma professora. Isto pode ser observado na seguinte fala:

“Porque eu não vi o vídeo em sala, então eu assisti em casa porque fiquei curioso.” (Aluno 5)

Uma declaração interessante foi feita por um aluno, que respondeu ter se interessado pela atividade justamente por ela ter sido realizada no *Facebook*, local virtual rotineiramente acessado por ele:

“Porque eu achei muito criativo, gostei muito, porque eu fico sempre no *Facebook* e acho que deveria ter mais atividade assim.” (Aluno 8)

Tais declarações reforçam a ideia de Freire (1996) sobre a curiosidade que deve fazer parte do processo de ensinar, pois leva o aluno a buscar novas informações em outras fontes e a interagir com essas novas informações, além de perceber as relações de motivação e de autonomia desenvolvidas pelo aluno quando a este são propostas situações de curiosidade.

Entre os dezoito alunos que não participaram da atividade, cinco (27,7%) responderam não ter acesso à *Internet* e três (16,6%) responderam possuir uma conexão lenta, o que confirma que a atividade poderia ter tido uma melhor participação caso tivesse sido realizada na sala de informática do colégio. É o que se pode observar nas afirmações abaixo:

“Eu não tenho *Internet* na minha casa.” (Aluno 12)

“Porque a minha *Internet* é lenta e fraca e não dá para assistir vídeos.” (Aluno 21)

“Porque a *Internet* estava lenta e não deu para ver os vídeos, estava parando toda hora.” (Aluno 25)

A mesma porcentagem de alunos que citou não ter acesso à *Internet* (27,7%) foi revelada entre aqueles que disseram não ter participado da atividade por não possuírem conta no *Facebook*.

“Porque não tenho *Facebook*.” (Aluno 16)

“Porque meu pai odeia *Facebook*, por motivos pessoais, então não tenho.”
(Aluno 20)

Conforme Freire (1996) menciona, ensinar, exige respeito ao aluno, às suas crenças, às condições sociais e econômicas. Devido a isso, chamamos a atenção para o fato de que atividades interativas não podem ser exigidas como parte essencial do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que nem todos os alunos possuem acesso à Internet e/ou computador em casa. Logo, deve existir o que Freire aponta como ato fundamental do ensinar, o diálogo, o que foi realizado entre a turma e a professora nessa proposta, já que a docente acordou previamente que, poderiam ser acrescentados pontos à nota bimestral, porém, seriam extras, o que não prejudicaria aos alunos que não participaram por qualquer motivo.

Em seguida, foi citado por dois alunos (11,1%) que eles não participaram da atividade porque não conseguiram encontrar o grupo no *Facebook*. Isto revela que alguns alunos, apesar de possuírem acesso a essa rede social, ainda apresentam dificuldades em utilizá-la de maneira não habitual, já que costumam apenas postar *status* e fotos.

Dois alunos (11,1%) revelaram descomprometimento ao afirmarem que não participaram da atividade porque a esqueceram. Um aluno da turma revelou não ter computador. Poderia ter sido evitada essa ausência na atividade caso o colégio estivesse em condição de permitir aos alunos que a realizassem na sala de informática. As respostas comentadas acima foram as seguintes:

“Eu esqueci e quando lembrei e fui entrar, já havia acabado.” (Aluno 15)

“Dei mole.” (Aluno 18)

“Não tenho computador em casa.” (Aluno 28)

Em seguida, os alunos foram questionados sobre como avaliavam uma atividade desse tipo. Entre os vinte e nove que responderam, a maioria, representada por vinte e seis alunos (89,6%), disseram considerar importante esse tipo de atividade. Dois (6,8%) julgaram-na regular e apenas um revelou que considera desnecessária.

Para entender o motivo de terem optado pelas respostas acima, foi perguntado a eles, na questão 4, o porquê de terem escolhido determinada opção. Entre os que disseram ser importante, a maioria afirmou assim considerar devido à possibilidade de ganhar pontos extras, porém alguns alunos demonstraram maturidade e destacaram outros motivos relevantes, como:

“Para a gente se cuidar melhor, saber o que é certo e também ajudar aqueles que não sabem.” (Aluno 10)

“Para a nossa aprendizagem e para nos informar.” (Aluno 6)

“Porque eu acho que a gente aprende muito.” (Aluno 17)

“Porque eu acho importante [...] ver pessoas documentando e falando dicas de prevenção [...]” (Aluno 11)

Através desses apontamentos, percebe-se claramente que o ensinar é uma intervenção humana que consiste em compreender que a educação é um modo de intervir na realidade, dando significados às informações e aos conhecimentos adquiridos, possibilitando modificar, criar e recriar a sua vivência (FREIRE, 1996).

Dos dois alunos que julgaram a atividade como regular, um afirmou que, apesar de regular, ajuda bastante. O outro disse que precisava de pontos. Ou seja: não explicaram de maneira compreensível porque optaram pela resposta.

O único aluno que afirmou achar a atividade desnecessária explicou-se de maneira bem tradicional, mostrando que ainda existem alunos contrários a esse tipo de atividade interativa, reforçando a visão de que aula deve acontecer nas salas:

“Porque o que a gente faz é dentro de sala e poderia até ser em um site, mas não em uma rede social, que não são todos que tem.” (Aluno 29)

Por fim, a última pergunta do questionário tinha o intuito de saber dos alunos se eles participariam de outra atividade que fizesse uso das mesmas ferramentas (computador, *Internet*, *Facebook* e *YouTube*) e novamente pedia uma justificativa. Vinte e seis alunos (89,6%) afirmaram que participariam, enquanto apenas três (10,3%) disseram que não participariam. Entre a minoria, pôde-se observar que a falta de acesso à *Internet* é um entrave para a participação, já entre aqueles que se mostraram dispostos a participar, ficou evidente, pelas respostas, que a pontuação extra oferecida pela professora foi um dos principais motivos, porém respostas extremamente enriquecedoras e positivas foram encontradas:

“Porque estudar online é muito legal e é experiência necessária.” (Aluno 9)

“Porque é mais prático e podemos fazer com mais paciência e com silêncio [...]” (Aluno 6)

“Porque gostei, foi rápido e prático [...]” (Aluno 8)

“Porque eu faço curso.” (Aluno 26)

“Porque [...] achei muito legal e interessante, achei muito bom a professora ter criado o grupo, daí a gente pode fazer pesquisas e postar. Ideia muito boa para a aprendizagem, que possa se repetir mais vezes.” (Aluno 11)

As respostas dos alunos possibilitam uma reflexão que, às vezes, não ocorre nas atividades presenciais, pois ensinar exige do professor saber escutar os seus alunos (FREIRE, 1996). Ouvir a opinião dos alunos é dar abertura para o diálogo, além de compreender os interesses destes e, a sua percepção acerca de alguma decisão ou tema.

CONCLUSÃO

O presente artigo revelou que a utilização do *Facebook* como ferramenta educacional, para a realização da atividade de Ciências, apresentou baixo índice de participação, uma vez que, dos trinta alunos pesquisados, apenas onze participaram da atividade, sendo que muitos deles fizeram-no apenas pelo interesse em ganhar pontos extras, para aumentar a nota bimestral de Ciências.

Porém, é impossível não notarmos que a falta de acesso à *Internet*, a pouca velocidade de conexão e até mesmo a falta de computador em casa, representam ainda entraves comuns para muitos alunos de colégios públicos. Essas evidências, sem dúvida, fazem com que muitos professores desistam de ofertar esse tipo de atividade, já que podem obter uma baixa participação, o que inviabilizaria o esforço. Com isso, acabam optando pela convencional atividade em sala.

A pesquisa mostrou, também, que o número de participantes poderia ter sido superior, caso os alunos que não possuem acesso à *Internet* tivessem conseguido realizar a atividade na sala de informática do colégio, o que não ocorreu, já que está em reforma.

Por fim, é importante ressaltar que, apesar do grande interesse dos adolescentes pelas redes sociais, principalmente pelo *Facebook*, evidenciou-se que eles ainda não conseguem observar a importância educacional dessa mídia, estando

restritos apenas à postagem de fotos, vídeos e comentários. Isso poderia ser mudado, caso houvesse um maior número de atividades educacionais que o envolvessem, já que estar no *Facebook* faz parte do cotidiano da maioria dos alunos, e impulsionar a sua utilização para permitir uma melhoria no processo de aprendizagem, traria mudanças visíveis no cenário educacional brasileiro.

Conclui-se, portanto, que atividades interativas podem ser desenvolvidas através de uma perspectiva freireana, no que se refere ao desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de aprendizagem. No entanto, é necessário, melhorar as condições de acesso à *Internet* dos alunos de colégios públicos, pois só assim, todos terão condições de participar dessas atividades, nas próprias unidades de ensino.

REFERÊNCIAS

ALLEGRETTI, S., M., M.; HESSEL, A., M. Di G.; HARDAGH, C., C.; Silva. J., E. (2012). "Aprendizagem nas redes sociais virtuais: o potencial da conectividade em dois cenários". *Revista Cet*, v. 01, n. 02, p.54-60.

BARDIN, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1988.

CARITÁ, E. C.; PADOVAN, V. T.; SANCHES, L. M. P. (2011). *Uso de redes sociais no processo ensino- aprendizagem: avaliação de suas características*. Anais do 17º Congresso Internacional de Educação a Distância [em pdf]. Manaus. [Data de consulta: 15/04/14].

FLICK, U.(2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor, 2005.

FREIRE, P.(1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo :Paz e Terra, 1996. 35a. ed.

HILL, M.; HILL, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Silabo, 2005. 6a. ed.

MINHOTO, P.; MEIRINHOS, M. (2011). *O Facebook como plataforma de suporte à aprendizagem da Biologia*. Anais Conferência Ibérica: Inovação na Educação com TIC [em pdf] . Bragança. [Data de consulta: 17/04/14].

MORAN, J.M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. São Paulo: Papirus, 2000.

O'REILLY, T. (2005). *What is web 2.0: Design patterns and business models for the next generation of software*. [em html]. [Data de consulta: 05/05/14].

PATRÍCIO, M. R.; GONÇALVES, V.(2010). *Facebook: rede social educativa?* I Encontro Internacional TIC e Educação [em pdf]. Lisboa: Universidade de Lisboa. [Data de consulta: 17/04/14].

VIGOTSKY, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 7a. ed.

ANEXO 1

Questionário

Sobre a atividade online de Ciências, responda:

1- Você participou da atividade?

- () Sim
() Não

2- Por quê?

3- Você considera uma atividade desse tipo:

- () Importante
() Regular
() Desnecessária

4- Por quê?

5- Você participaria de uma nova atividade utilizando as mesmas ferramentas (Computador, *Internet*, *Facebook* e *YouTube*)?

- () Sim
() Não

6- Por quê?
